

5 Erotismo místico

Quero suprimir o tempo e o espaço
A fim de me encontrar sem limites unidos ao teu ser,
Quero que Deus aniquile minha força atual e me faça voltar a ti,
Quero circular no teu corpo com a velocidade da hóstia,
Quero penetrar nas tuas entranhas
A fim de ter um conhecimento de ti que nem tu mesma possuis,
Murilo Mendes

Descrever a beleza da mulher, sua arte de sedução ou admirá-la na sua nudez é algo que os relatores bíblicos fazem com naturalidade e entusiasmo. O amor é tramado por histórias que envolvem ciúme, violação, inveja, intensas rivalidades; marcado, portanto, por todas as mazelas humanas. É Eros, não ágape¹⁷. Isso nos leva a crer que Eros anda à solta, em meio aos versículos nos quais o amor, a sensualidade e a paixão florescem, embora não sejam comumente destacados no seio da Igreja.

Essa religiosidade sensual também se faz presente na poesia de Murilo Mendes e é consequência da sua intensa preocupação com o destino do corpo, da alma e do espírito.

Para tratarmos do erotismo místico em sua poesia, interessam-nos as palavras de Octavio Paz (1982, p.166) ao fazer a distinção entre a palavra “poética”, que “não precisa da autoridade divina”, e a palavra “religiosa”, que “pretende nos revelar um mistério que, por definição, nos é alheio”. Ambas são revelação, subsistem graças à palavra e comportam elementos comuns: poemas, mitos, imagens, teofanias e ritos.

A poesia revela, por meio da palavra, a condição humana, cria o homem na sua totalidade; já a religião não se constitui num ato original, porque a palavra não é a sua essência. A essência da religião está na interpretação fundamentada nos conhecimentos teológicos.

O discurso religioso pode estar a serviço do erótico ou vice-versa. Na poesia de Murilo Mendes, o jogo de sedução marcará também a origem do homem sob dois aspectos: a sensualidade e o pecado original, representados pelas figuras

¹⁷ Termo originado do grego, onde significa amor. É amor desinteressado entre as pessoas, é amor divino em ação no nível horizontal, atuando entre seres humanos. É a obediência radical a Deus manifestada em todo encontro homem e homem.

mitológicas de Adão e Eva. Dessa união em diante, o universo é regido por forças antagônicas que coexistem em quaisquer sociedades. Eros – deus do amor, forças da vida — e Tanatos – forças mortíferas. Para Lúcia Castelo Banco (2004, p. 32),

nosso “pecado original” constitui-se desses elementos: somos mortais porque pecamos, e pecamos porque ousamos comer do “fruto proibido”. Parece que a partir dessa primeira infração da ordem de Deus estamos irremediavelmente condenados a viver a morte no erotismo e reafirmar, através do sexo, nossa finitude, nossa falta e nossa culpa.

Na poesia de Murilo Mendes o erotismo místico tem suas raízes fundamentadas na formação religiosa e na presença da mulher. O poeta vincula o erotismo à religião, pois, como afirma Bataille (2004, p. 50) “o desenvolvimento do erotismo não é em nada exterior ao campo da religião”.

Na sociedade, paralelamente ao mundo do trabalho, caminham o mundo profano e o mundo sagrado, complementares, fontes de interdições e transgressões. Bataille (2004, p. 104-5) pontua esses dois mundos:

O mundo sagrado se abre às transgressões limitadas. É o mundo da festa, dos soberanos e dos deuses [...]. De maneira fundamental, é sagrado o que é objeto de uma interdição [...]. A interdição e a transgressão respondem a esses dois movimentos contraditórios: a interdição rejeita, mas a fascinação introduz a transgressão [...]. Somente o aspecto econômico dessas oposições permite introduzir uma distinção clara e apreensível dos dois aspectos: a interdição responde ao trabalho, o trabalho à produção: no tempo *profano* do trabalho, a sociedade acumula recursos, o consumo é reduzido à quantidade necessária à produção. O tempo *sagrado* é, por excelência, a festa [...], em tempo de festa, o que é habitualmente proibido pode sempre ser permitido, às vezes exigido.

Quando o poeta mantém um vínculo com o sagrado, pressupõe uma relação de poder, na qual se insere o mundo sacralizado do homem religioso e o mundo dessacralizado do homem moderno que vive na profanação. Mircea Eliade (199-?, p. 24) afirma que “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade de uma ordem inteiramente diferente da das realidades ‘naturais’”.

Na união com Deus é possível experimentar o êxtase divino, pelo toque do Espírito Santo.

Esse amor, encontramos em poemas de Santa Teresa D’ Ávila e de São João da Cruz, aos quais Murilo dedica poemas. São poetas místicos que traduzem em

linguagem simples suas experiências de amor com Deus e para quem a compreensão do que é sobrenatural supera a capacidade humana.

Nos poemas escritos por esses autores subtrai-se a carne. De acordo com Bataille (2004, p. 144) “a carne é o inimigo inato daqueles atormentados pela interdição cristã”. O erotismo se processa a partir dessa subtração, em sintonia com Deus. Vivem o amor em sua essência, uma vez que os amados não comungam dos conflitos existentes no mundo, tampouco dos prazeres da carne.

Nas experiências místicas, a alma, mediante as graças, é transformada numa fornalha de grandes desejos de gozo e de ver o seu Amado. Esse amor, para Berardino (1999, p. 197), procede do fogo, “do braseiro acesso que é o meu Deus”, que Santa Teresa D’Ávila traduz como impulsos sutis e deliciosos, toques divinos de amor que não produzem dor, mas que a deixam deliciosamente ferida. Obra de amor, carinho divino. Esposa de Cristo, só lhe resta deixar-se envolver pelas chamas do fogo do Amor eterno, estado de transverberação que se confirma nas palavras de Teresa D’Ávila (2002, p. 871-2):

Parece-me que o Espírito Santo deve ser o mediador entre a alma e Deus, e o que a move com tão ardentes desejos que a fazem incendiar-se no fogo soberano que está tão próximo dela. Ó Senhor, que grandes são aqui as misericórdias que usais com a alma! Bendito sejais, e louvado, para sempre, pois tão bom amante sois. Ó Deus meu e Criador meu! Será possível que haja alguém que não Vos ame? Oh, triste de mim, e como sou eu mesma a que por muito tempo não Vos amou, por não ter merecido conhecer-Vos! Como baixa seus ramos essa divina macieira para que, algumas vezes, a alma colha seus frutos, considerando suas grandezas e a multiplicidade de suas misericórdias, e veja e saboreie o fruto que Jesus Cristo Nosso Senhor tirou de Sua Paixão, regando essa árvore com Seu sangue precioso, com tão admirável amor!

Os versos seguintes, do poema “Sobre aquelas palavras” (p. 967-69) exprimem a afetividade de Teresa D’Ávila e o teor do amor para com Deus, esposo para todo e sempre, a quem revela os mais íntimos desejos de sua alma: “Entreguei-me toda, e assim / Os corações se hão trocado”. Quando é tocada pela seta do Caçador, Amado, sente imenso prazer e gozo que jamais anseia outro amor:

Quando o doce Caçador
Me atingiu com sua seta,
Nos meigos braços do Amor
Minh’alma aninhou-se, quieta.

E a vida em outra, seleta,
 Totalmente se há trocado:
 Meu Amado é para mim,
 E eu sou para meu Amado.

A amada vive momentos de turbulência pela ausência do prazer de Deus. Quanto mais longa for a espera, maior ainda é a tensão e a vontade de “desaparecer para sempre no Amado” (Berardino, 1999, p. 208), pois sua alma arde de desejo. Em “Aspirações à vida eterna” (p. 957), essa tensão é evidente:

Ai! Como a existência é amarga
 Sem o gozo do Senhor!
 Se é doce o divino amor,
 Não o é a espera tão larga:
 Tire-me Deus esta carga
 Tão pesada de sofrer,
 Que morro de não morrer.

O amor de Deus se dá a partir do momento em que se predispõe ao sacrifício religioso. Por meio de purgações e purificações, despoja-se do objeto, elemento de descontinuidade. Bataille (2004, p. 37-8) argumenta que “a experiência mística é dada a partir da experiência universal que é o sacrifício religioso [...]. Com efeito, o que a experiência mística revela é uma ausência de objeto” que impregna o sentimento de continuidade. Instaura-se o sagrado e a continuidade do ser é, então, revelada. Em Bataille (2004, p. 38), lemos:

a experiência mística nos imbuí do sentimento da continuidade. Ela o realiza por outros meios que não são os do erotismo dos corpos ou os do erotismo dos corações. Mais exatamente, ela prescinde de meios que não dependem da vontade. A experiência erótica ligada ao real é uma espera do aleatório, é a espera de um ser determinado e de circunstâncias favoráveis. O erotismo sagrado, dado na experiência mística, quer somente que nada incomode o sujeito.

Encontramos também a expressão desse amor místico na obra poética de São João da Cruz (1981, p. 8). A obra não ocupa mais de trinta páginas, nas quais, como dizem os críticos, deparamos com “três dos mais belos poemas de língua espanhola e porventura de qualquer língua: *Cântico espiritual*, *A chama do amor viva* e *A noite escura*”. Seus poemas exaltam o prazer de quem se submete às carícias do Senhor .

Em *Cântico espiritual e outros poemas*, São João da Cruz (1982, p. 35) celebra o amor. A esposa deseja unir-se íntimamente ao amado. É explícito, pelo menos no poema “Esposa”, um prazer que se assemelha ao prazer sexual:

Gozemo-nos, Amado,
e vejamos na tua formosura
o monte e o escarpado,
donde jorra água pura;
penetremos mais dentro da espessura.

E depois às erguidas
cavernas dos rochedos subiremos,
que estão bem escondidas,
e ali penetraremos
e o mosto de romãs soborearemos.

Ali me mostrarás
aquilo que minha alma pretendia,
e depois me darás
tu, a quem eu mais queria,
aquilo que me deste outro dia:

É clara a intenção da esposa em encontrar-se com o amado, para fazer jorrar do coração do outro a plenitude do amor em gozos infinitos.

Ao externar a sua emotividade poética em “A chama de amor viva” (p. 51), o bardo do Amor canta, com harmoniosas palavras, o que se passa no coração de quem espera a união com Deus.

Oh chama de amor viva,
que ternamente feres
da minha alma o mais profundo ponto!
Porque não és esquiva,
acaba já se queres;
rasga o tecido deste suave encontro!

[...]

Quão manso e amoroso
acordas em meu seio,
onde em segredo, solitário, moras!
E em teu aspirar gostoso,
de bem e glória cheio,
quão delicadamente me enamoras!

Essa numinosa experiência realiza-se também no eterno apaixonar-se, descobrir a força do amor místico, no qual o humano e o divino se fundem. Na experiência do sagrado, podemos sentir Eros. Para Muller (2002, p. 81),

O Eros inflamado não conhece limites; é impulso orgânico para a integralidade. Esta integralidade é o sagrado, o divino. Na palavra “sagrado” está incluída “salvação”, e estas duas palavras designam um estado de perfeição e de plenitude.

O despertar para o amor de Deus corresponde à experiência de um encontro íntimo, no qual poetas sensuais experimentam o êxtase no amor divino, momentos de extrema felicidade; o tempo pára, o céu e a terra tornam-se uma só coisa. Para Octavio Paz (1994, p. 22), “muitos textos religiosos [...], não vacilam em comparar o prazer sexual com o deleite extático do místico e com a beatitude da união com a divindade”. Levando-se em consideração que em sua base a sensualidade e o misticismo não se apresentam tão diferentes, são relevantes as palavras de Bataille (2004, p. 390)

é possível que um movimento místico do pensamento provoque involuntariamente o mesmo reflexo que uma imagem erótica tende a provocar. Se é assim, a recíproca deve ser verdadeira: os hindus, com efeito, baseiam os exercícios de tantrismo sobre a possibilidade de provocar uma crise mística com a ajuda de uma excitação sexual. Trata-se de escolher uma parceira apropriada, jovem, bela e de uma espiritualidade elevada, e, sempre evitando o espasmo final, passar do amplexo carnal ao êxtase espiritual.

O que difere o poeta Murilo Mendes de outros poetas místicos sensuais é o tratamento dado às questões religiosas. “Católico, sim, mas rebelde”, como afirma Gilberto Mendonça Teles (2005, p. 36), Murilo Mendes sente-se à vontade para falar de uma sensualidade carnal, com características místicas, com o propósito de questionar o discurso religioso que só permite o sexo com intenção procriadora.

Em seus versos, a mulher, em suas múltiplas formas, desencadeia todo o amor presente, desde as experiências eróticas carnis aos sondáveis desejos do poeta com as mulheres espiritualizadas, que se configuram na eternidade. A alma feminina a que tanto aspira se encontra no Cosmos, uma criação de Deus, pois afirma, “A eternidade é mulher” (QE, p. 268).

O amor sensual corporificado na poesia de Murilo Mendes não impede que a paixão pelas mulheres ganhe ares místicos. Logo no primeiro livro *Poemas*,

(1925-1929), a experiência onírica lhe permite configurá-las no espaço da eternidade construindo, assim, uma poesia em que o erotismo mantém estreitas relações com a religiosidade, visíveis, respectivamente, nos versos dos poemas “Atmosfera desesperada” (PO, p. 112): “espíritos puros nascendo, o amor / aproximando as formas”, e “Máquina de Sofrer” (PO, p. 103). “As estrelas torram o serviço, / ninguém sabe se é o céu ou o peito duma negra”.

No poema “Vida dos demônios” (PO, p. 104), reitera a temática de “Anjos maus (PO, p. 98-9), denuncia esses seres como manipuladores da realidade em que vivem todos os seres humanos, tais como marionetes. Esses demônios “trabalham na planície, nas montanhas, / nos arranha-céus, / constroem o trabalho dos homens”. Eles atuam nas mais diversas áreas e atizam a libidinagem: “armam a mão dos padres e operários, / juntam imagens e reflexos na cabeça dos poetas, / despem as mulheres no mundo”. Estão presentes em toda parte. Contra eles, somente a Virgem Maria tem algum poder. Quando ela “toda branca e fria / atravessa no caminho, / eles caem no tempo”.

Sem perder a consciência pecaminosa, vem uma seqüência de poemas, na seção *O mundo inimigo*, em que amor, morte e demônios são motivos dominantes. A negatividade evoca as ideias de Bataille e Paz sobre as relações entre amor e morte. Georges Bataille (2004, p. 38) relata que “a aprovação da vida até na morte é desafio, tanto no erotismo dos corações como no dos corpos, ela é desafio, por indiferença, à morte”; Octavio Paz (1994, p. 18) marca com precisão a ambiguidade do erotismo ao associá-lo à vida e à morte, tendo como fim a reprodução. Daí ser o erotismo “repressão e permissão, sublimação e perversão. Nos dois casos, a função primordial da sexualidade, a reprodução, fica subordinada a outros fins — uns sociais e outros individuais”.

Essa negatividade em relação ao amor e à vida é canalizada nos versos dos poemas “Limites da razão” (PO, p. 109-10):

Atrás do meu pensamento
os demônios destroem as meninas que eu gostei,
fazem com o movimento e o espírito delas
um samba pros outros dançarem.

Entre todos os poemas dessa seção, destacamos “Relatividade da mulher amada” (PO, p. 119) pelo diálogo um tanto paródico que estabelece com a Bíblia,

no qual o poeta deixa transparecer a intimidade de seu amor e anseia a fusão absoluta, completa, o amor cósmico, uma espécie de orgia sagrada:

Eu gosto de você com uma força bruta que não entendo bem.
 Gosto quase tanto como de mim.
 Mas que pena você não ser também minha filha.
 Que pena você não ser minha filha, mina irmã e minha mãe, tudo ao mesmo tempo.

A possibilidade de amar sem estar preso ao corpo e ao espaço terreno alimenta o desejo de transcendência. O mundo não lhe basta, pois o seu pensamento paralelamente oscila, entre a tentação de Cristo e a do poeta, como podemos ler em “Tentações paralelas” (PO, p. 121):

O Espírito me transporta a um lugar muito alto,
 me mostra teu corpo decotado.
 Matar aquele homem,
 caminhar na extensão morena do teu corpo!
 Os anjos me transportam ao lugar mais alto do mundo
 e me mostram só tua cabeça decotada pensando em mim.

Ousando outros vãos, o corpo feminino toma forma de igreja. O poeta deseja, com isso, sacralizar a mulher, embora ela seja a desencadeadora dos seus conflitos. Mesmo que se esforce para ganhar o mundo celestial, não consegue ir além dos vitrais, porque é atraído pelo pecado da carne. Verificamos que o embate entre a carne e o espírito, o humano e o divino permeiam a temática erótica / religiosa da poesia de Murilo Mendes. Em diálogo com o Cristo, o poeta admite sua fraqueza e sua incapacidade para trilhar os “caminhos perfeitos” e revela a noite do próprio espírito no conflito entre o desejo e a sublimação.

A profanação do espaço sagrado, agregando ao templo religioso elementos como “seios, coxas, e ancas”, perturbam o poeta e aguçam sua libido. A experiência erótica profana no espaço sagrado exprime o seu estado de espírito, pois se vê dividido entre o mundo espiritual e o mundo das formas, como confessa “O poeta na Igreja” (PO, p. 106):

Entre a tua eternidade e o meu espírito
 se balança o mundo das formas.
 Não consigo ultrapassar a linha dos vitrais
 pra repousar nos teus caminhos perfeitos.
 Meu pensamento esbarra nos seios, nas coxas e ancas das mulheres,

pronto.
 Estou aqui, nu, paralelo à tua vontade,
 sitiado pelas imagens exteriores.
 Todo o meu ser procura romper o seu próprio molde
 em vão! noite do espírito
 onde os círculos da minha vontade se esgotam.
 Talhado pra eternidade das idéias
 ai quem virá povoar o vazio da minha alma?

Vestidos suarentos, cabeças virando de repente,
 pernas rompendo a penumbra, sovacos mornos,
 seios decotados não me deixam ver a cruz.

Me desliguem do mundo das formas!



Desenho: Denise Pimenta

Ainda em relação ao sagrado e ao profano, é conveniente lembrar que há um poder sagrado em oposição à dessacralização do homem moderno, que assume sua existência profana. Para Mircea Eliade (199-?, p. 27):

o homem religioso se esforça por manter-se o máximo de tempo possível num Universo sagrado, e, por conseguinte, como é que se apresenta a sua experiência total da vida em relação à experiência do homem privado de sentimento religioso, do homem que vive, ou deseja viver, num mundo des-sacralizado. Digamos imediatamente que o mundo profano na sua totalidade, o Cosmos totalmente des-sacralizado, é uma descoberta recente na história do espírito humano [...] a des-sacralização caracteriza a experiência total do homem não-religioso das sociedades modernas, e que, por conseqüência, este último sente uma dificuldade cada vez maior em reencontrar as dimensões existenciais do homem religioso das sociedades arcaicas.

O mundo profano da orgia e do pecado atrai mais e mais o poeta, que, despidoradamente, reconhece a sua condição de pecador, tentado pelas coisas terrenas e impotente perante a atitude do Criador. Possuído pelo sentimento de amor solidário, implora a Deus que o transforme, na esperança de poder olhar e reconhecer as coisas do mundo de forma mais humana. Uma solidariedade universal, movida também por uma sensualidade erótica, revelada nos versos de “Vidas opostas de Cristo e dum homem” (PO, p. 107):

Cada vez que cais ao peso da tua cruz
eu caio com uma mulher de última classe.

[...]

Senhor do mundo,
me tira de mim pra que eu possa olhar os outros e eu mesmo.

Utilizando-se de uma linguagem que deseja transformar a desordem em salvação, o poeta, em *O visionário* (1930-1933), livro que antecede o processo de conversão do poeta ao catolicismo, revela-se conhecedor de um mundo inserido na esfera do sagrado, no qual investe nas relações entre erotismo e religiosidade. Aliás, atribui-se a Ismael Nery, amigo de Murilo, a responsabilidade por sua conversão e também pela apresentação a ele da teoria do essencialismo¹⁸, na qual o indivíduo mantém-se como centro da vida com pleno domínio das ideias e dos fatos.

¹⁸ “Um dos pontos principais da conversa entre os amigos girava em torno da filosofia de Ismael, batizada pelo próprio Murilo como ‘essencialismo’, pela abstração do tempo e do espaço que propunha como método de investigação filosófica das coisas essenciais. Consideravam-no uma preparação para o catolicismo, em cuja transformação se achava profundamente empenhado Ismael [...] Murilo vê no pensamento do amigo, antes de mais nada, como uma filosofia para ser vivida, voltada para a existência concreta de cada dia, formando corpo com um catolicismo do contra, alimentado de cristianismo primitivo, impelido pela revolta diante do mundo dado, seus desencontros e injustiças. Confiante na divindade de Cristo e na atualidade viva de seus ensinamentos, Ismael exaltava também a verdade da encarnação e da humanidade de Cristo, tomando-o como modelo supremo de filósofos, poetas e artistas” (MENDES, M. *Recordações de Ismael Nery*, p. 14-5).



Murilo Mendes e Ismael Nery
Década de 20

Caminhando nessa vertente mística, ainda temos o poeta preocupado com as transformações do corpo físico da mulher, oriundas da passagem do tempo, e com a crença de que esse corpo assumirá outras formas ao “penetrar em espaços futuros” (“Almas numerosas”, PO, p. 107).

Assim, expressa, por meio do erotismo, uma relação obsessiva com o corpo, cuja trajetória pode conduzi-lo ao encontro do corpo de Deus. Esse erotismo é também fonte de autoconhecimento, porque não são poucas as vezes em que se vê atormentado pelo amor e tem consciência do pecado ao assumir sua culpa cristã. O apego ao corpo e ao sexo pode levá-lo à redenção e à crença no amor divino. Resta-lhe, submeter-se a um acerto de contas sob os olhares de quem conhece as nuances do universo. Para isso, é necessário despir-se de sua prepotência, vestir-se de pureza e ceder às evidências, o que só será possível no dia do “Juízo final dos olhos” (VI, p. 205):

Teus olhos vão ser julgados
Com clemência bem menor
Do que o resto do teu corpo.
Teus olhos pousaram demais
Nos seios e nos quadris,

Eles pousaram de menos
 Nos outros olhos que existem
 Aqui neste mundo de Deus.
 Eles pousaram bem pouco
 Nas mãos dos pobres daqui
 E nos corpos dos doentes.
 Teus olhos irão sofrer
 Mais que o resto do teu corpo:
 Eles não poderão ver
 As criaturas mais puras
 Que no outro mundo vê.

Em suas experiências com o sagrado, percebemos que a sua alma ainda permanece entrelaçada ao mundo das formas. Mesmo no mundo místico, a mulher continua a ser agente do seu derramamento erótico. Ela se consagra por ser a representante de todas as épocas e simbolizar a convergência de dois mundos, que podem ser entendidos como: positivo e negativo, bem e mal, vida e morte, sagrado e profano. Lembramos o que dissera o próprio Murilo Mendes quando olhara a mulher de uma perspectiva superior, no poema “Mulher vista do alto de uma pirâmide” (VI, p. 209): “Mulher, tu és a convergência de dois mundos. / Quando te olho a extensão do tempo se desdobra ante mim”.

No poema “A anunciação” (VI, p. 213-4), Maria, moça pobre, de pureza espiritual, recebe a visita do anjo, que lhe comunica ser a escolhida pelo Senhor para mãe do Salvador. Ao remeter ao milagre da anunciação, o poeta estabelece diálogo intertextual com a Bíblia, quando o anjo Gabriel anuncia a Maria: “Eis que conceberás e darás a luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus” (Lucas 1, 31, p. 1346):

— O Senhor manda saudar
 A mais pura das mulheres,
 Formosa entre as criaturas,
 Mais santa do que mulher.
 Deus te escolheu pra nascer
 No teu seio Salvador.
 [...]

Maria não se perturba,
 Inclina o corpo sereno:
 — Espere um pouco, meu anjo,
 Não esqueça deste recado.
 Eu sou a ancila de Deus,
 Tudo o que Ele ordenar
 Me esforçarei por cumprir.

Meu corpo nas mãos de Deus,
Minha alma nas mãos de Deus

A ressurreição de lázaro (João 11, 43, p. 1400) é outro tema bíblico a que o poeta recorre. Jesus ordenou que tirassem a pedra do sepulcro e exclamou: “Lázaro, vem para fora!”.

O milagre ressurgue no poema “Lázaro” (VI, p. 214-5), personagem que destoa da personagem bíblica, pela maneira erótica como se apresenta: desprovido da santidade que lhe fora conferida pelo Senhor.

Lázaro, após a cura do seu mal, deseja cair de amor nos braços de uma mulher. Ao se deparar novamente com o mundo constata a estagnação que lembra a ordem imposta por Deus no Cosmo, onde tudo é intocável, onde não se percebe a presença do Criador. Trata-se de um Lázaro mais erótico que mítico, disposto a despender toda a sua força pelo amor e pela orgia com as mulheres:

Levantei-me com toda força do meu sangue
Do oco da sepultura onde estava.
Estendo os braços pra pentear as flores,
Pra acarinhar os corpos das mulheres
Dançando em torno da minha sepultura.

Percebo as coisas do mundo uma por uma,
Tudo está direitinho como outrora,
Não se alterou a vida dos elementos.
Até mesmo eu estou firme nos pedais,
Como antigamente, e reconheço
Os sofrimentos que já vão chegando.

As estrelas continuam a dança, obedientes,
Tudo está no seu lugar, a mulher à-toa,
A pedra, a mãe, o irmão, todos enfim.
Só não vejo, até agora inda não vi,
O Deus que me mandou ressuscitar.



Desenho: Denise Pimenta

Com o desejo exacerbado pelos carinhos da mulher, Lázaro relembra a namorada que morreu na esperança de vê-lo ressuscitado. Dessa maneira, o poeta confirma a sua tese de defensor de uma religiosidade erótico-mística, dionisíaca, centrada no corpo, na carne, no prazer e no sexo. Tanto é que Lázaro ficou decepcionado com a reencarnação que o milagre lhe operou, pois não lhe trouxe nenhum benefício, tampouco o aconchego da amada. Ironicamente, debocha do poder de Cristo, numa atitude mundana e pagã, ao dispensar as benesses do Criador. De nada valeu a cura do teu corpo se não pode gozar dos prazeres da carne. Eis alguns fragmentos do poema “A namorada de Lázaro” (VI, p. 215):

Aqui na terra eu deixei
 Uma mulher carinhosa
 Que rezava dia e noite
 Para eu ressuscitar.
 [...]

A pobre da namorada
 De tanto rezar por mim,
 Coitada, perdeu a força,
 [...]
 Que adiantou me levantarem
 Se minha amada morreu?

Ressuscitem-na também,
 Senão dispenso milagres,
 Dou um tiro na cabeça.
 Dispenso ressurreição.

Em busca do sublime, do numinoso, o poeta, utilizando-se da linguagem tanto poética quanto mística, ainda se vê dividido entre o sexo e o amor de Deus ao afirmar no poema “Tédio da Varanda”, (VI, p. 232): “Hesito entre as ancas da morena / Deslocando a rua, / E o mistério do fim do homem, por exemplo”.

No poema “Mas” (VI, p. 234), glosando e parafraseando versículos bíblicos, “as raposas têm suas tocas, e as aves do céu seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça” (Mateus, 8, 20, p. 1292), com os versos “Até as ondas possuem / Uma pedra para descansar a cabeça”, estabelece paralelos entre a mulher e a pedra, e entre um Jesus misógino ou assexuado e um poeta obcecado pelas mulheres, em constante desassossego por não lhe ser permitido desfrutar de prazer sexual sem sofrimento.

O poeta prossegue ao encontro do caminho perfeito. Em *Tempo e Eternidade* (1934), livro escrito com Jorge de Lima e dedicado a Ismael Nery, observamos o amor solidário em Cristo. Trata-se de uma obra eivada de simbologia bíblica, na qual os poetas anunciam “Restauremos a poesia em Cristo”(Jorge de Lima, 2006, p. 26).

Com poemas de forte apelo religioso, o poeta se entrega com tanto fervor, que nos soa como um incentivo para “desprezar” as produções anteriores. Em busca de luz, bipolariza: de um lado, Deus; de outro, as Musas. A obsessão pelo feminino sacode sua fé. No entanto, o erotismo não está arraigado em seus versos. Na sua profissão de fé, o poeta se vê como o grande salvador da humanidade e acredita que só a poesia pode mudar o mundo, por isso anseia a comunhão dos homens com os seus iguais e com os povos, reafirmando seu espírito solidário universalizador.

No poema de abertura do livro *Tempo e eternidade* (1934), “Novíssimo Job” (TE, p. 245), reconhece ser a imagem e semelhança de Deus, mas destituído de poder e de amor “— Eu fui criado à tua imagem e semelhança. / Mas não me deixaste o poder de multiplicar o pão do pobre, / Nem a neta de Madalena para me amar”.

O poeta em “Vocação do poeta” (TE, p. 248) expõe o projeto poético no qual se destacam a sua origem e a solidariedade da sua poesia e biblicamente diz a que veio. Sua missão messiânica está condicionada a “conhecer o mal e o bem / E para separar o mal do bem”. Pretende, no dizer de Immanuel Kant (p. 91) formar uma sociedade ética em que todos possam se reunir sob “leis não opressivas, ou seja, simples leis de virtude”. Por isso, declara “não nasci no começo deste século”:

Nasci no plano do eterno,
 Nasci de mil vidas superpostas,
 Nasci de mil ternuras desdobradas.
 Vim para conhecer o mal e o bem
 E para separar o mal do bem.
 Vim para amar e ser desamado.
 Vim para ignorar os grandes e consolar os pequenos.
 Não vim para construir minha própria riqueza
 Nem para destruir a riqueza dos outros.
 Vim para reprimir o choro formidável
 Que as gerações anteriores me transmitiram.
 Vim para experimentar dúvidas e contradições.

Vim para sofrer as influências do tempo
 E para afirmar o princípio eterno de onde vim.
 Vim para distribuir inspiração às musas.
 Vim para anunciar que a voz dos homens
 Abafará a voz da sirene e da máquina,
 E que a palavra essencial de Jesus Cristo
 Dominará as palavras do patrão e do operário.
 Vim para conhecer Deus meu criador, pouco a pouco,
 Pois se O visse de repente, sem preparo, morreria.

Disposto a encontrar o amor essencial, pois não mais se detém nas ancas, nucas e coxas das mulheres, declara o seu amor pela família sobrenatural, que habita o Eterno. Fazem parte dessa família os poetas, os iluminados e as musas, as quais pertencem a todas as gerações. A musa, eternizada em seus versos, constitui-se na noiva perfeita: “Meu espírito anseia pelas núpcias eternas / Com a musa preparada por mil gerações” (Salmo n. 1, TE, p. 249), sem a qual a poesia não subsistiria, como declara nos versos de “A musa” (TE, 254):

Tu és a relação entre o poeta e Deus.
 Tu prefiguras uma imagem do Eterno
 Porque a todo o instante organizas o mundo,
 Sem ti minha poesia extinguirá

Deusas inspiradoras, exercem a supremacia que permite vincular o poeta a Deus. Por essa razão, o poeta conclama os poetas a glorificar a musa e o Criador. São os versos que compõem a última estrofe de “Dupla louvação” (TE, p. 258):

Poetas, louvai minha musa.
 Descendentes dos poetas, cresci para louvá-la.
 E acima de tudo louvai o Criador,
 Pai de todas as musas que existem e existirão.

A musa e outras mulheres metaforizadas em sereias, estrelas, gaivotas fazem parte desse mundo místico. Em suas variadas formas e cores, e tão femininas quanto a mais carnal de todas as mulheres, circulam nas mais longínquas dimensões do universo, ou seja, na eternidade.

São mulheres que conferem ao poeta o status de pecador. Reconhecendo-se pecador, implora pela purificação de sua alma: “Limpa meu coração de todo desejo impuro” (“Salmo n. 4”, TE, p. 260), como a única maneira de alcançar o amor de Deus, que “Inspira a todos um desejo essencial de amor” (“Pentecostes”, TE, p. 258). A crença no amor divino será plena quando o universo for banhado pelas palavras do Senhor desde o começo do mundo até a eternidade. Parece não ter dúvidas do poder do Criador. Confessa no poema “Salmo n. 5” (TE, p. 261): “Só me extasio diante das criações divinas, / Diante de Seus mistérios, Sua Lucidez e Seus poemas”.

Em *Os quatro elementos*, o erotismo místico assume dimensões metafísicas, permite ao poeta contactar um mundo que ele conhece por meio de sua imaginação, o seu delírio é o delírio de Deus: “O lirismo de Deus aumenta súbito / Oscila o infinito das bases / Metafísica da física” (“Delírio divino”, QE, p. 281), e não descarta o amor às mulheres abstratas, misteriosas, como no poema “A noite de setembro” (QE, p. 267):

O céu revestiu uma couraça branca
 Estrelas dançarinas de quinze anos
 [...]

Aparece no céu inesperada mulher
 Talvez a musa
 Em outra idade em outra posição em outra dimensão.
 Amemos.

A alma feminina a que tanto aspira se encontra no Cosmos, uma criação de Deus, pois afirma: “A eternidade é mulher” (QE, p. 268). Essa possibilidade de amor eterno o faz despertar para um amor mais profundo, mais íntimo, que extrapola as sensações corporais e emocionais e no qual se percebe a presença divina. O encontro do amor humano com o amor divino dá origem ao amor místico. Eros sagrado. Daí, toda comoção erótica concentra-se em musas mistificadas, entre elas, Eva, ressuscitada no poema “Fim e Princípio” (QE, p. 282), cujos mistérios envolvem a moldura do mundo: ou seja, o amor de Deus: “Todas as musas que existiram desde o princípio do mundo aparecem. / O Senhor com um sopro ressuscita Eva”.

Ser fanático por mulheres, de imediato, insere o poeta na condição de homem dividido entre uma potência redentora, Deus, e a aparente impotência e desamparo de homem-pecador.

Em um mundo marcado por sofrimentos, o poeta, no livro *A poesia em pânico* (1936-1937), vive sua angústia interior, pois confessa no poema “Os três círculos” (PP, p. 287): “Não encontro minha paz na Igreja”, como se sinalizasse para a possibilidade de Deus estar exatamente nos espaços exteriores a ela.

Embora a mulher represente as virtudes do criador, ela, como criação de Deus, desde o princípio, tornou-se uma ameaça, pois o consome, o atormenta e inquieta o seu espírito: “Mulher, o mais terrível e vivo dos espectros, / Por que te alimentas de mim desde o princípio? [...]. Ah, quando descerá sobre mim a paz antiga” (“Mulher”, PP, p. 290-1), o que não o impede de amá-la em suas infinitas conjunções. Entre elas, o mito maior se consagra na figura de Berenice, a quem está preso pelos laços carnavais e espirituais, fruto do delírio poético que oscila entre a sua febre e a sua insônia. No poema “Quatro horas da tarde” (PP, p. 300) a ela se dirige:

Procuro a amiga tão bela e necessária.
Se não está comigo, em mim, é porque não existe.
Ô minha amiga, surge em corpo, senão acreditarei
Que também eu próprio não existo.

Berenice é a síntese do amor, cuja cosmogamia se expressa na forma dos quatros elementos constituintes da natureza, ou seja: água, terra, fogo e ar. Seu poder está além do poder de Deus, pois somente ela é capaz de reconciliar o

mundo profano e o mundo sagrado, tornando-se uma esperança em meio ao desespero que ronda a alma do poeta. No poema “O amor e o cosmo” (PP, p. 301), Berenice se consagra por ser criação de Deus e corpo arquitetônico do universo:

O céu desenrola como teu vestido.
 Este frêmito de amor, incorporado a nós.
 Vem do sol e caminha para a lua.
 Grito teu nome no espaço para me acordar:
 Berenice!
 [...]

Quando te abraço estou abraçando a primeira mulher.
 [...]
 Teu corpo liga o céu e a terra,
 Teu corpo é o estandarte da voluptuosa vitória.
 Teu nome reconcilia os dois mundos.

Observando atentamente o poder do Criador diante da arquitetura do universo, sente-se parte dele quando diz em “Poema espiritual” (PP, p. 296): “Eu me sinto um fragmento de Deus” e admite estar na matéria a existência da poesia: “A matéria é forte e absoluta / Sem ela não há poesia” (p. 297).

Sentir-se parte de Deus não lhe basta, não cessa o seu desejo de profanar contra a Igreja, que se mostra sensual aos seus olhos: “Na Igreja há pernas, seios, ventre e cabelos.” (p. 296). Movido pelo desejo carnal, parece zombar da pureza do templo no poema “Igreja mulher” (PP, p. 303), quando o compara a uma mulher. Despudoradamente, investe contra a mãe da Igreja, a quem chama de “Musa das musas”, ao colocá-la em posição inferior à “mutável Berenice”. Isso consolida a condição diabólica da Mulher e da própria Igreja, que o contém. O sagrado e o profano, indissociáveis, enredam o poeta:

A igreja toda em curvas
 Enlaçando-me com ternura — mas quer me asfixiar
 Com um braço me indica o seio e o paraíso,
 Com outro braço me convoca para o inferno.
 Ela segura o Livro, ordena e fala:
 Suas palavras são chicotadas para mim, rebelde.
 Minha preguiça é maior que toda a caridade.
 Ela ameaça me vomitar de sua boca,
 Respira incenso pelas narinas.
 Sete gládios sete pecados mortais traspassam seu coração.
 Arranca do coração os setes gládios

E me envolve cantando a queixa que vem do Eterno,
Auxiliada pela voz do órgão, dos sinos e pelo coro dos desconsolados.
Ela me insinua a história de algumas suas grandes filhas
Impuras antes de subirem para os altares.
Aponta-me a mãe de seu Criador, Musa das musas,
Acusando-me porque exaltei acima dela a mutável Berenice.
A igreja toda em curvas
Quer me incendiar com o fogo dos candelabros.
Não posso sair da igreja nem lutar com ela
Que um dia me absorverá
Na sua ternura totalitária e cruel.



Desenho: Denise Pimenta

Lembramos que o homem dessacralizado não vive em estado puro de profanação porque não consegue estar inteiramente dissociado do espaço sagrado. Na concepção de Eliade (199-?, p. 42),

o sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e de fecundidade. O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de facto, ao seu desejo de se situar na realidade objectiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjectivas, de viver num

mundo real e eficiente — e não numa ilusão. Este comportamento verifica-se em todos os planos da sua existência, mas é sobretudo evidente no desejo do homem religioso de se mover unicamente num mundo santificado, quer dizer num espaço sagrado.

No encontro com o sagrado, vimos que o drama do poeta ainda não se desfez. A atmosfera mística do templo é tomada por uma sensualidade que lhe permite cultivar e amar tanto a mulher quanto a Igreja, que se mostram acolhedoras.

No livro *As metamorfoses* (1938-1941) a abordagem torna-se mais metafísica, menos insolente, mais espiritual, e não desaparece o amor aos semelhantes, aos oprimidos. Em meio aos estilhaços e aos sons dos bombardeios de aviões, há espaço para que o poeta fale de amor, de corpos insaciáveis, de membros genitais em delírio e de um amor que entre braços e seios se confunde com a morte, conforme observamos em *Poema lírico* (MET, p. 322), no qual, renuncia os bens materiais e as conturbações do cotidiano por uma vida mais simples ao lado de uma mulher, sem as lembranças das barbáries da guerra. O tom místico sobressai na realização do amor em outra dimensão:

Amiga, amiga! De braço dado atravessamos o arco-iris.
 Quem nos dá esta força que nos impele acima do mar e das montanhas?
 Deixamos lá embaixo os bens materiais e a violência da vida.
 Amiga, amiga! Teu rosto é semelhante à lua moça,
 Há nas tuas roupas um cheiro bom de mato virgem.
 Tua fala saiu da caixinha de música dos meus sete anos,
 E te empinas no azul com a graça dos papagaios que eu soltava.
 [...]

Agarrados à cauda de um cometa percorremos a criação.
 Teu rosto desvendou os olhos comunicantes.
 Não há mistérios: só nós dois sabemos nosso nome,
 E as fronteiras entre amor e morte.
 Eu sou o amante e tu és a amada.
 Para que organizar o tempo e o espaço?

Como se vê, nesse livro há um erotismo menos denso que o dos livros anteriores. Observamos que reaparece o arquétipo da mulher especial, da noiva mística que surge num cenário apocalíptico, como em “A dama branca” (MET, p. 329), cuja sensualidade é delineada pela forma do seu corpo “Quando um clarão ambíguo indicava seu corpo, / E formas desnudas empurravam a lua”.

O amor ganha, cada vez mais, o corpo celestial em busca da experiência com o sagrado, oriunda de sua imaginação. O desejo de tocar e ser tocado pelo sagrado torna-se mais próximo. Em “A liberdade” (MET, 341), esse amor toma ares sensuais, românticos e místicos nos versos “Um buquê de nuvens: / O braço duma constelação / Surge entre as rendas do céu”. Para Alberoni (1997, 168) “o amor romântico é descrito como um estado de contínua felicidade sem conflitos, uma espécie de fusão místico-amorosa monogâmica”. Em seguida, revive os seus momentos de rebeldia cósmica, possível pela pureza que a poesia contém, quando diz: “Admiro a ordem da anarquia eterna, / A nobreza dos elementos / E a grande castidade da Poesia”.

Adotando uma postura mais erótica, fala de amor em “Vigília” (MET, p. 345): “Tantos corpos já rolaram... [...] / Tantos amores dissonantes / Se alimentaram de mim”. Mas o erotismo ganha proporções místicas, pois o céu e a terra se renderão ao fogo desse amor, possibilitando que o amor humano e o divino se encontrem num amor maior, que é o amor de Deus. Por isso, o poeta verseja em “Tu” (MET, p. 349):

Céu e terra se tocaram
Com grande aplauso do fogo,
Ondas bravas se abraçavam
No início do nosso idílio.

[...]

Nosso amor será uma luta:
Ao som de clarins vermelhos
Subiremos pelo arco-íris
Semimortos de paixão,
Até encontrarmos o Hóspede.

O amor se concretizará na eternidade, no plano espiritual. É o desejo do poeta que, habituado aos corpos, às formas e às cores, busca o seu triunfo por meio de uma vida intensa em que se possa amar sem limites, sem os fantasmas da morte.

Em *O sinal de Deus* (1935-1936), livro que abre uma série de poemas em prosa, temas como o amor e a mulher continuam recorrentes. A mulher ainda exerce a mesma força que em poemas anteriores. Por esse amor, renuncia o próprio Deus: “Eu te domino e tu me esmagas. / E por ti sou capaz de abjurar meu

Deus” (“O homem e a mulher”, p. 745), tornando-se “hóstia profanada”, símbolo de pecado, diante da Igreja e de Deus.

Há mulheres cujos nomes intitulam poemas. Dulce, Eleonora e Marta são algumas delas que, por amor, buscam a felicidade quer no plano terreno, quer no plano espiritual, mesmo que, para isso, tenham de viver momentos de angústia e solidão.

Dulce é a expressão da felicidade. Nem por isso o homem é submetido a ela, mas glorificado por ela. A felicidade é proporcionada pelo prazer. Dulce descobre o corpo, cujas partículas, estimuladas pelo toque do parceiro, aguçam a sensibilidade e revelam segredos mais íntimos, permitindo-lhe viver um gozo eterno, um êxtase que a espiritualiza, pois o homem que a ama se configura como uma manifestação do poder de Deus: “Foi ele quem pelo tato me demonstrou meu corpo — e me fazendo sofrer / me revelou minha alma” (SD, p. 745).

Poema confesso, percebemos que a personagem se encontra em constante estado de júbilo e agradece reiteradamente em tom exclamativo a alegria de que desfruta. Ao lermos o poema, é nítida a impressão de que estamos diante de um amor puro, sem pecados, consagrado pelos deuses e pelas benfeitorias de Eros. Para expressar esse amor que contagia, a voz feminina ver-seja:

Eu não existia antes de o conhecer.
 Ele sabia mais de mim do que meu pai.
 Ele explorou todos os átomos da minha pele, e atravessou todos os meus segredos.
 Assistindo-o viver eu tive a idéia do poder divino: atrás daquele homem deve haver
 uma força maior que criou tudo.
 Bendita seja a hora em que conheci o pai de meu filho!
 (SD, p.745)

A harmonia que Dulce experimenta é o oposto do que vivencia Eleonora, que vive em solidão e procura o amor em Cristo. Enquanto esse chamado não toca seu coração, ela, em busca de si mesma, entrega-se ao amor de um homem que temporariamente preencherá sua alma: “Procuras em mim teu pai, tua mãe, teu irmão e teu marido — tua biografia. Eu te descreverei teu corpo e te apresentarei à tua alma” (SD, p. 746).

Esse amor cessará quando Eleonora encontrar o amor em Cristo. Para isso, é necessário sacrificar o amor, purificar a alma, submeter-se ao rito da crucificação: “Dilatarás imensamente tuas possibilidades de vida — até o dia em que não mais

te bastarei — e invocarás então o Cristo. Já sei — o nosso amor vai acabar na cruz” (SD, p. 746).

Marta é a negação do amor. Ela quer encontrar no homem o amor que não encontra em Cristo: “Tu procuras em mim o que não encontras no Crucifixo” (SD, p. 750). A solidão que vive em Cristo é também a solidão de todos.

O que há em comum entre Marta e as outras mulheres que se configuram em personagens é a utilização do corpo físico como uma das formas de contato com caminhos espirituais que lhes permitam sentir a força vital jorrar dos seus poros. Mas encontrar o amor que ela procura no homem, aos olhos do poeta, é algo inatingível porque “O amor não existe — existe a idéia do amor. Vem, abraça-me; procuraremos até o fim a inatingível unidade” (SD, p. 750).

Em meio às incertezas que pairam entre o amor do homem e o amor de Cristo, o poeta confere a Deus a missão de fazer do seu corpo a morada definitiva de Marta “pede a Deus que te construa para sempre dentro de mim” (SD, p. 750). Parece-nos a busca de um erotismo sublime que, conforme Alberoni (1977, p. 232) “é expansão do próprio erotismo e, ao mesmo tempo, identificação com o erotismo do outro, capacidade de prendê-lo a si”.

Essa energia espiritual está associada à energia sexual conectada ao coração, ao amor compartilhado com Deus. Encontrar o amor perfeito na figura de Cristo requer atravessar os recantos mais escuros e profundos.

Em “A desoladora” (SD, p. 748), o poeta esboça os aspectos negativos da mulher, motivo ímpar de seus desencontros e infelicidades e parece estar mais próximo de Deus que das mulheres. Por isso, apresenta-se-nos entediado pelo fato de não encontrar a mulher com quem poderia viver um grande amor e, ao mesmo tempo, parece rejeitá-la, pois ela continua a ser um estorvo em sua vida. A mulher que habita seu pensamento é sinônimo de amor, ódio, construção e destruição.

Diante da ausência do corpo feminino e do amor de Deus, expressa seu sentimento de atração e repulsa, como mostra o poema:

Mulher, eu te procuro continuamente. É mais fácil achar Deus, do que te achar.

Tenho por ti uma grande atração e repulsão — ao mesmo tempo.

Eu adormeço com teu amor e desperto com o ódio a ti. E te construo a todo instante.

Hás de me perseguir até à imortalidade. A paz da mulher não é a paz de Deus.

A mulher não é o amor. A poesia é o amor. A poesia da ausência da mulher é equivalente à poesia da posse da mulher.

O poeta sente-se abandonado pelas mulheres e espera encontrar em Deus amparo verdadeiro: “Se não houvesse Deus eu me mataria porque não posso me absorver em ti, porque não posso penetrar todos os poros do teu corpo, pulsar com teu coração, comandar teu cérebro, olhar pelos teus olhos” (SD, “Par”, p. 751-2).

É explícito o desejo do poeta por um corpo de mulher em que possa descobrir as carícias do amor. O corpo, nesse caso, é morada de Deus para amenizar a solidão e quiçá comungar um amor divino, em que é permitido “amar sem ciúme e sem a angústia da carne, por toda a eternidade” (SD. “Stela”, p. 746). Por essa razão, evoca as “Mulheres solteiras” (SD, p. 753), num rito sagrado de amor, tal como fez Cristo ao chamar para si “vinde a mim, vos todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei” (Mateus 11, 28 p. 1297), o poeta chama para si o sofrimento daqueles a quem falta o amor, porque o olhar do poeta é o olhar de Deus, o amor do poeta é o amor de Deus:

Vinde a mim, vós todas que não sois amadas. Vinde a mim, vós todas que não encontrastes uma alma para vosso corpo. Vinde a mim, vós todas que procurais o amor onde ele não está. Vinde a mim, vós todas que sentis o tempo passando e ainda não sabeis porque viestes ao mundo. Vinde a mim, vós todas que não vos satisfazeis com a paralela, e eu vos mostrarei o círculo [...]. Vinde a mim, que eu vos emprestarei um traje nupcial e vos ensinarei o amor eterno.

De posse do corpo em “Juízo final do amor” (SD, p. 754), experimenta um amor que só se perpetuará diante de Deus: “O quanto te amo só poderá transparecer no último dia, quando nós dois sentarmos à direita do Pai”, pois o amor eterno advém desde o princípio do mundo. No dia do Juízo Final, não haverá mais a necessidade do corpo. O amor é essência, é alma; esta renascerá no canto de uma poesia “eterna e una” (SD, “O amor eterno”, p. 754), exercício espiritual do amor como dádiva de Deus entre o poeta e a musa eterna, como sugere no poema “A musa das musas” (SD, p. 758):

composta de muitas mulheres. Além das outras mulheres e da musa existe uma Mulher sem nome, sem cheiro, sem cor, sem peso e sem forma, que penetra todas as coisas e conhece tudo o que se faz e o que se diz. Essa mulher existe desde antes

da origem dos tempos. Talvez ela seja a projeção feminina do pensamento de Deus. Ela fecunda o caos e sopra sobre as águas, animando-as. Suas delícias consistem em dançar acima do universo, e em possuir sem ser possuída. Todos os homens amam a sua invisibilidade. Os poetas estão sujeitos às suas musas, e estas à Musa das musas.

Essa mulher dá origem à Esposa misteriosa, uma indicação de Deus, sem, contudo, haver a promessa de gerar filhos, relembrando a passagem bíblica em que José é indicado para esposar Isabel. Trata-se de seres prometidos, porque suas almas foram entrelaçadas desde a infância. “A Esposa misteriosa” (SD, p. 758-59) é símbolo da pureza e porta-voz da Virgem Maria. Nem por isso deixa de castigar os que a amam. Em vários momentos, o poeta a evoca: “Vem, filha gloriosa de Deus, minha Esposa [...]. Vem, amiga, ó casta, ó vigilante. [...] — beijarei tuas cicatrizes”.

A presença da mulher o glorifica, porque é com ela que comparecerá “diante do trono branco do Altíssimo. Aleluia! Aleluia! Mergulhamos no abismo inefável do Ser”. Insistentemente, chama pela misteriosa mulher, deseja banhar-se com o fogo do amor de Deus:

Vem, minha Esposa misteriosa. Eu te imprimirei em mim como o selo de Deus vivo. Aleluia! O poeta encontra a Esposa misteriosa e lhe é dado o apetite do eterno. Vem, mensageira da Virgem, vem, minha sede, minha fome, meu amor, minha amiga [...]. Vem, mulher, recapitulação de todas as mulheres.

Emissária de Deus, a Esposa misteriosa é a conexão com tudo o que existe no universo, capaz de cultivar a relação íntima entre o poeta, as musas e Deus. Eucaristicamente, o poeta suaviza a alma, pois presente a morte e com ela o fim do amor; como assinala Octavio Paz (1994, p. 189), “o corpo envelhece porque é tempo como tudo que existe sobre esta terra”. Diante desse pressentimento, questiona o que semear e o que poderia apresentar a Deus, no poema “O dia e a noite” (SD, p. 762): “Semeai enigmas. Semeai ternuras. Semeai sonhos, tristezas, deslumbramentos. / Mas este avanço das rosas pressentindo meu corpo esverdeado; acabará o amor; e que poderei apresentar a Deus?”.

Apresentar-se a Deus necessariamente não significa o fim da poesia nem o fim do amor, outros poetas buscarão a essência da vida por meio ato penitencial que é a poesia. Louvados sejam os poetas, louvada seja a Virgem Maria, casta, virginal, musa, mãe, mulher universal, que se entregou ao pecado original pela

intercessão do Espírito Santo. O poeta, num gesto de amor, a exalta no poema: “À virgem Maria” (SD, p. 765):

Tu és o molde onde Deus se fundiu, e por isto tens sido e serás até o fim dos tempos o molde dos predestinados, dos santos, dos poetas. Todos os membros do Corpo Místico de Jesus Cristo são teus filhos, e foram e continuarão a ser paridos sobrenaturalmente por ti, Virgem e Mãe. O impulso do meu ser para tua Pessoa, tornada infinita pela isenção do pecado original, estancará minha sede dos amores que acabam. Em ti amarei, ó Inatingível! todas as mulheres que existiram desde a criação do mundo, desde Eva até Regina minha musa, intercessora entre mim e ti, como tu, Arquimusa, Arquimulher, Esposa do Espírito Santo, o és entre mim e teu Filho e nosso Redentor Jesus Cristo.

Na experiência com o sagrado, sentimos a presença de Eros. A união só é possível quando envolve corpo e alma, momento em que a comoção erótica e a comoção religiosa se juntam, colocando em sintonia a experiência sexual e a experiência espiritual.

Ao incorporar a visão religiosa, o poeta faz uso da linguagem fragmentada e da alegoria, elementos essenciais que, no plano da salvação conduzem ao sagrado e ao profano. Na esfera do divino, da salvação, faz um pacto com o tempo, pois acredita ser ele capaz de curar as mazelas do mundo. Alfredo Bosi, (1996, p.115-6), ao estudar a poesia de Murilo, cita o próprio texto de Murilo para elucidar essa questão:

Através dos séculos, o poeta é encarregado não só de revelar aos outros mas de viver praticamente no seu espírito e no seu sangue a sua vocação transcendente de homem ... O poeta é o interprete dos mistérios da criação, um visionário do amor e da morte, um grande mago. A poesia é uma desforra, uma reconquista do paraíso perdido. Nós procuramos na poesia o que foi perdido pelo erro e pelo atraso dos homens. [...] as mais antigas tradições, quase imemoriais, constituem o lastro da poesia.

Esse amor, como ponto culminante da união com Deus, encontramos em *As núpcias de Caná*, um dos poemas que compõem o livro *Quatro textos evangélicos* (1956), com quatro composições inspiradas em passagens bíblicas: *O paralítico de Betsaida*, *As núpcias de Caná*, *O Cristo aclamado* e *Judas Iscariotes*. Além dos aspectos religiosos, o poeta mais uma vez não desconhece a presença da mulher e do amor, configurando-se em seus versos o erotismo místico. Dos textos apresentados, destacamos *As núpcias de Caná* (QTE, p. 795-800), que guarda semelhanças com o *Cântico dos Cânticos ou Cantares*, de Salomão, no qual o

erotismo está claramente exposto, assim como são explícitos não apenas os encantos dos amantes, descritos com deliciosos pormenores, mas também as suas relações amorosas, por meio das quais o leitor conhece suas paixões. Santos Benetti (1998, p. 167-68) se abastecer das leituras bíblicas para argumentar sobre o amor sensual, sobretudo, ao se referir aos grandes amantes da Bíblia:

perdemos o melhor que ela tem em sua própria essência, a vida dos seus personagens e do seu povo: o amor em toda a sua expressão, o amor sexual assim como ele saiu das mãos do Criador, o amor vibrante e apaixonado, o amor sedutor e erotizado que vem de Eva e chega até o último dos personagens feminino [...], pois nos surpreendemos ao encontrar na Bíblia, no coração dos seus vários livros, toda uma erótica do amor humano que chega das origens do tempo e que encontra o seu clímax num pequeno livro de poemas amorosos, tão sublime quanto absolutamente ignorado e escamoteado ao longo dos tempos.

Esse “pequeno livro de poemas amorosos” a que Benetti se refere trata-se do *Cânticos dos cânticos* ou *Cantares*, de Salomão (*BÍBLIA*, p. 826-34), um dos livros mais provocantes da Bíblia. Para Octávio Paz (1994, p. 23), “o sentido religioso do poema é indistinguível de seu sentido erótico profano”. Um amor sensual, em que não há marca de pudores ou vergonhas.

O Cântico dos Cânticos, de Salomão, é um hino de louvor ao amor sensual. Constituído de densidade dramática o texto inicia com uma excitante aclimação entre os protagonistas, dois amantes adolescentes dispostos a amar e a gozar uma experiência erótica intensa: “ — Meu bem-amado é para mim e eu para ele”.

A jovem pastora sensual e encantadora, acometida por uma paixão, faz um caloroso convite ao amado:

— Ah! Beija-me com os beijos de tua boca!
 Porque os teus amores são mais deliciosos que o vinho,
 e suave é a fragrância de teus perfumes;
 o teu nome é como um perfume derramado:
 por isto amam-te as jovens.
 Arrasta-me após ti; corramos!
 O rei introduziu-me nos seus aposentos.
 Exultaremos de alegria e de júbilo em ti.
 Tuas carícias nos inebriarão mais que o vinho.
 Quanta razão há de te amar!
 (*BÍBLIA*, Ave Maria, p. 826)

A amada, cujos dotes sensuais são comparados a uma palmeira, encontrou o amor ardente do jovem rapaz. A bandeira do amor é desfraldada, enquanto ela, também objeto de desejo, delicia-se com suas carícias e seus beijos, mais saborosos que o vinho, deixando seu corpo desfalecer de amor nos braços do amante:

Ele introduziu-me num celeiro,
e o estandarte, que levanta sobre mim, é o amor.
Restaurou-me com tortas de uvas,
fortaleceu-me com maçãs,
porque estou enferma de amor.
Sua mão esquerda está sob minha cabeça,
e sua direita abraça-me.
Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém,
pelas gazelas e corças dos campos,
que não desperteis nem perturbeis o amor,
antes que ele queira.
[...]
— Como és bela e graciosa
Ó meu amor, ó minhas delícias!
Teu porte assemelha-se ao da palmeira,
de que teus dois seios são os cachos.
(*BÍBLIA*. Ave Maria, p. 827-833)

Por quererem um ao outro, os amantes, após descobrirem todos os segredos do amor, fazem um pacto, uma aliança, um selo gravado no coração. São chamados do amor sagrado, fogo do amor de Deus que não se apaga.

— Põe-me como um selo sobre o teu coração,
como um selo sobre teus braços;
porque o amor é forte como a morte,
a paixão é violenta como o cheol.
Suas centelhas são centelhas de fogo,
uma chama divina.
As torrentes não poderiam extinguir o amor,
nem os rios o poderiam submergir.
(*BÍBLIA*. Ave Maria, p. 834)

O poeta, na condição de católico, conhece as proezas amorosas do *Cântico dos Cânticos*, o que o inspirou a parafrasear o texto bíblico ao escrever *As Nupcias de Caná*, pois os dois textos se assemelham na estrutura, no contexto, na similaridade de estrofes, no conteúdo e nas características das personagens.

Em *As núpcias de Caná*, os amantes são arrebatados pelo Senhor para também viverem intensos momentos de prazer: “Foste chamada a manifestar o Cristo taumaturgo, / Foste chamada às núpcias com a divindade.” (QTE, p. 795). Ser escolhida por Cristo é ostentar todas as honras do universo, pois ele é o criador de tudo que constitui o Cosmos, além de ser “Ele mesmo Esposo e mestre da vida” (QTE, p. 795). Deus que “inspirou ao homem” e criou “todos os pares” (QTE, p. 795).

A atmosfera erótica do poema corresponde à fantasia de sedução feminina, que aguça a força e o calor dos beijos sensuais do amado. Aos olhos de Alberoni (1997, p. 46), são “luzes fulgurantes e o erotismo um canto altíssimo, um contato duradouro com o ideal e a essência última das coisas”.

No texto, as características da personagem feminina nos são delineadas por suas falas e pelas falas de seus interlocutores. Sabemos tratar-se de uma mulher sedutora, que guarda no corpo nenhuma marca do pecado, e é comparada aos belos dotes da natureza. Sulamita, assim é denominada a mulher, tanto em “As núpcias” quanto em o “Cântico”, preencherá o coração do amante de infinitos gozos.

O texto de Murilo Mendes demarca a intertextualidade com a passagem bíblica do *Evangelho Segundo São João* 2, 9, (p. 1386) que nos revela o primeiro milagre que Jesus realizou em Caná da Galiléia, ao transformar a água destinada à purificação dos Judeus em bom vinho:

Logo que o chefe dos serventes provou da água tornada vinho, não sabendo donde era, (se bem que o soubessem os serventes, pois tinham tirado a água), chamou o esposo, e disse-lhe: “É costume servir primeiro o vinho bom, e depois, quando os convidados já estão quase embriagados, servir o menos bom. Mas, tu guardaste o vinho melhor até agora”.

A transmutação dos elementos — água / vinho — confirma o poder de Cristo, restitui a alegria aos convivas da festa, devolve a vida que, simbolicamente, é o vinho, sangue de Cristo que percorre o corpo e faz pulsar os corações. Tal como nas Bodas bíblicas, em as Núpcias de Caná há uma festa em que Baco e Deus são os anfitriões. Nela também opera-se o milagre: a água transforma-se em vinho, instante de revelação. Depois da festa, os amantes descobrem os encantos do amor:

O esposo e a esposa entram no quarto das núpcias.
 Eis que vão se unir para renovarem a face de terra,
 Continuando a paternidade divina.
 Os dois são uma só carne; este mistério é grande.
 Eles se apresentam um ao outro,
 Trocando cânticos de amor, revelação e conhecimento.
 (QTE, p. 797)

Assim como em o *Cântico dos cânticos*, em *As núpcias de Caná*, a natureza também é afrodisíaca para os amantes, é uma espécie de Jardim do Éden, propício aos desfrutes do amor. Quando esse amor é fogo divino, torna-se indestrutível, não há água capaz de consumir a chama, porque ele é íntimo. Só quem ama é capaz de senti-lo. O amor, faísca de Deus, torna-se uma força arrebatadora que o poeta eterniza nos versos:

Põe-me como sinete
 Sobre teu coração e teu braço:
 O amor é forte como a morte,
 O amor brilha como o fogo,
 Como a chama de Sabaoth.
 Muitas águas não poderiam consumi-lo,
 Nem os rios afogá-lo.
 (QTE, p. 799)

No fogo da paixão homem e mulher entregam-se ao amor num conhecimento mútuo, que só vivificam em almas entrelaçadas que buscam um amor essencial, sublime e sagrado, no qual se entende o sexo como dádiva divina, sinônimo de deleite, prazer, gozo e alegria. Juntos e enfeitiçados pelo amor: “O esposo e a esposa despem as vestes. Fundem-se. / O universo é reduzido e adaptado / Às dimensões do meu quarto nupcial” (QTE, p. 799). Conforme diz Alberoni (1997, p. 176-7):

Os enamorados têm claríssima impressão de que fazer amor é algo de sagrado, um gesto religioso, como se fosse a união do céu com a terra. A idéia do casamento como sacramento nada mais é que a transcrição ideológica, institucional desta experiência profunda, primordial, dos amantes enamorados. No estado nascente do amor o indivíduo se sente fundido com o cosmos, com a natureza. É o microcosmos que realiza em si o macrocosmos.

Além do amor, o homem conhece duas realidades distintas, constantes em seu cotidiano: Vida / Morte. O homem vive entre Eros e Tanatos, forças pulsantes

do bem e do mal. Assim como essas forças, é também o amor. Os amantes desejam-se completamente, e não há como compartilhar esse sentimento com outro, principalmente quando se configura como um selo sobre o coração, um selo gravado a fogo, que na realidade significa um pacto de amor, uma aliança com Deus.

Tanto em *Cântico dos Cânticos* quanto em *As Nupcias de Caná* a atenção maior recai sobre as personagens femininas. Em o *Cântico*, a pastora se rebela contra os costumes da época, procura loucamente pelo seu amado e não poupa sacrifícios para tê-lo; porém, a busca maior é pelo sexo, amor carnal o que a contrapõe à personagem de *As Nupcias*; que é mais serena, deixa que Deus se encarregue do seu destino amoroso, aproximando-se de um amor divino, espiritual, mas não se esquivando dos prazeres da carne, só possíveis quando abençoados pelo sacramento do matrimônio. Isso nos faz pensar em erotismo místico ou sagrado.

Bataille (2004, p. 26) nos revela que “todo erotismo é sagrado”. A sensação de prazer vivenciada é oriunda da fusão de seres que, em nome de uma transcendência, almejam o gozo espiritual. Desaparece supostamente a descontinuidade do ser, visto que não há ligação corpórea. Assim afasta a possibilidade de morte física, pois tudo se relaciona por intermédio do espírito.

Bataille conclama que a poesia sagrada, sinônimo de eternidade e de unidade, contém componentes eróticos e nos proporcionam prazer, morte, sentido de continuidade e descontinuidade, associando-se ao pensamento de Octavio Paz para quem textos religiosos comportam o prazer, o deleite, a beatitude, a união e o divino.

O amor, mesmo carnal, quando em estado de êxtase tem algo de divino, de numinoso, que o relaciona com a bondade, a compaixão, deixando os amantes em estado de graça, conferindo-lhes uma harmonia sagrada que os aproxima da experiência amorosa vivenciada pelos místicos. Nesse caso, envolve aspectos racionais e irracionais como categorias que compõem a ideia do sagrado.

Em se tratando do sentimento religioso, Rudolf Otto (2007, p. 86) considera que “há a interpenetração da afeição com a pulsão sexual” e estabelece diferença ao relacionar a excitabilidade sexual com o numinoso. A excitabilidade está abaixo da razão, ou seja, pertence ao nível das pulsões e dos instintos como uma

força que funciona de baixo para cima; enquanto o numinoso está acima da razão, ou seja, uma força que impulsiona o desejo de cima para baixo.

Referindo-se ao amor, Rudolf Otto (2007, p. 178) argumenta que, embora tenha o mesmo teor, se distingue quanto à forma. O amor humano tem caráter relativo e o amor centrado em Deus tem caráter absoluto. Para explicar essa diferença, ele destaca dois aspectos:

nossa capacidade de compreender [...] abrange apenas o relativo. O absoluto a se contrapor ao relativo nós podemos pensar, mas não pensar completamente. Ele está sujeito à nossa capacidade conceitual [...], mas excede os limites de nossa capacidade de compreender [...]. O absoluto é incompreensível; o misterioso é inconcebível. O absoluto é aquilo que ultrapassa os limites da capacidade de compreensão, não por sua qualidade em si, a qual conhecemos bem, mas pela forma da qualidade. Já o misterioso é pura e simplesmente impensável, sendo o “totalmente outro” em termos de forma, qualidade, natureza. — Portanto, também no tocante ao aspecto misterioso no numinoso, seu esquema também lhe corresponde com grande exatidão e pode ser muito bem desenvolvido.

Ao conceber poemas redentores que apontam para a re(organização) e para a des(ordem)nação do caos original, a trindade muriliana é revelada em seu universo poético e se estrutura nos valores do amor, da justiça e da solidariedade, sustentáculos para desejo eucarístico do poeta diante do homem e de Deus, mesmo que para isso tenha de se despojar da vida e, numa outra dimensão, encontrar-se definitivamente com Deus, criado à imagem e à semelhança do poeta:

O infinito íntimo (1948-1953) é uma meditação em quinze partes que nos lembram a via sacra. O poeta está envolto numa religiosidade em busca do encontro com Deus. Sem erotismo exacerbado, poucas vezes a palavra amor é mencionada, mas não se descarta a presença da mulher, Maria. Percebemos um forte amor a Deus numa poética em que o poeta pretende “Voar sem observação e pela fé. / Pois é na fé que destruiremos nosso corpo” (II, p. 774). O amor que anseia habita as estâncias do universo, como podemos ver na “Primeira meditação” (p. 771):

O infinito íntimo
Eis o que aspiramos conhecer:
O infinito íntimo
Revelado pelo espírito de Deus
Ao próprio Deus

Que se comunica o homem
 Encarnando-se nele.
 O infinito íntimo
 Que inventou o primeiro germe
 Desdobrado em planos múltiplos.
 Assim compreendemos nascimento e sucessão de mundos
 Até o desenlace final do tempo:
 Pois é preciso consumir o tempo
 Situando-se o homem no infinito íntimo
 Que o tempo não atinge na sua essência,
 O infinito na sua célula mais íntima,
 Na sua virtualidade, no seu núcleo de amor,

Na qualidade de homem religioso, o poeta encarna o Centro do Mundo, coração real de onde se originou a vida e de onde é possível comunicar-se com Deus e estar mais próximo dele. Esse estágio Eliade (199-?, p. 77-8) denomina “nostalgia religiosa”, que, para ele, “exprime o desejo de viver num Cosmos puro e santo, tal qual era no começo, quando saía das mãos do Criador”. Assim se resume o labor do poeta, no qual a poesia é um espaço de consagração do ser, do amor, do sexo, da religiosidade e de Deus.

A literatura está respaldada em elementos que fazem parte de uma sacralizada escritura da tradição impregnada de conflitos religiosos. Numa literatura de cunho religioso, é clara a concepção do sagrado. A poesia, sobretudo, é um dos veículos capazes de transmitir experiências místicas que não podem ser anunciadas por meio de um discurso comum. Para Eduardo Gross (2002, p. 15),

a poética mística [...] não se mostra como um fim em si, mas como um instrumento de transmissão — e também de velamento — do conhecimento religioso. Para realizar essa sua função, é notável que a linguagem algo paradoxal da sensualidade e da embriaguez seja utilizada como um modo especial de revelar e ocultar o inefável.

Verificamos que na poesia de Murilo Mendes tanto o amor carnal quanto o amor espiritual pertencem à ordem de Deus, ambos podem ser santificados, aperfeiçoados. Tornam-se símbolos da fertilidade e do renascimento, capazes de sobreviver à morte. O sexo é sagrado, sagrado é todo o amor humano e divino que se consagra na poesia quando o poeta professa ser “O amor eterno” (SD, p. 754):

O amor eterno começa desde já neste mundo mesmo. Eu te amo para sempre — e quando morrermos não seremos separados pela carne:

Quando o grande anjo gritar NÃO HAVERÁ MAIS TEMPO
(Quando o grande anjo gritar NÃO HAVERÁ MAIS SEXO)

Minha essência pura se reunirá à tua e seremos um só. Tu serás a musa e o poeta-eu
serei o poeta e a musa. Nascerá a poesia eterna e uma.



Desenho: Denise Pimenta